

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**A CIRCULAÇÃO DE APULEIO:**  
UMA QUESTÃO PERTINENTE

EDÉLCIO RODRIGUES ALONSO FILHO

SÃO PAULO  
2022

**EDÉLCIO RODRIGUES ALONSO FILHO**

**A CIRCULAÇÃO DE APULEIO: UMA QUESTÃO PERTINENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História, do Departamento de História, da Faculdade de Ciências Sociais, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharel em História. Orientador: Prof. Dr. Amílcar Torrão Filho.

SÃO PAULO

2022

À memória de Cláudia Alessandra dos Santos Jacob (1968-2020),  
por ter me ensinado a estudar, a inquirir e, sobretudo, como ser humano;  
e à memória de Edélcio Rodrigues Alonso (1949-1999),  
por me inspirar a melhorar, mesmo sem o conhecer.

Pelo menos um dos teus sonhos se tornou realidade.

## **AGRADECIMENTO**

É necessário expressar meu agradecimento à Fundação São Paulo (FUNDASP) pelo auxílio que possibilitou o empreendimento deste processo. Sem a ajuda provida pela fundação, tal projeto jamais teria tomado forma.

## AGRADECIMENTOS

"לְךָ אֱלֹהִים אֲבֹהָי מִהַיְדָא וּמִשְׁבַּח אֲנִי דִּי תְּקַמְתָּא וּגְבוּרְתָּא תְּהַבֵּת לִי וּכְעֵן (...)"<sup>1</sup>

Inicialmente agradeço a D'us, como figura de análise histórica, religiosa e literária, por possibilitar a capacidade humana de alcançar feitos tão complexos quanto o raciocínio lógico e interpretativo, que possibilitou a escrita deste texto, e pela inspiração que o formou. Em tudo que fizer, servirei a Ti, todos os dias de minha vida.

Secundariamente agradeço aos meus grandes amigos Alexandre Bombardi, Bruna Machado, Caique “Cleitinho” Rondina, Carla Polidori, Carolina Mazzio, Dante Viel, Fabiano “Jabolo” Novais, Gabriel Brandão, Giovana Pedrilho, Henrique do Ó, Henrique Fappi, Henrique Freire, João Victor Amorim, Kevin Martins, Lucas Gauto, Marcelo Eiji, Paulo Henrique Carrasco, Pedro Torres, Rebeca “Rebequinha” Oliveira, Rodrigo Rossi e Victor “Polônia” Vieira, por compartilharem junto a mim das diversas tribulações do viver e por manterem nossos caminhos juntos graças a conversas inesquecíveis e dissertações do mais rico conteúdo. Vós tendes morada perpétua em meu coração!

Agradeço aos meus também amigos, colegas e veteranos Bruno Ewbank, Bruno Hungaro, Guilherme de Paula Sousa, Gustavo Abdala, Leonardo Ortega, Leticia Martins, Luiz Eduardo Pegoraro, Pedro Azeredo e Pedro Russo. Sem nossas diversas discussões sobre o *status quo*, matérias cursadas, conteúdos programáticos e diversos outros, a elaboração deste projeto e o decorrer da faculdade seriam extensivamente mais lúgubres e plenos de solidão. Por isto, pela consideração e pelo carinho, sempre os terei no mais alto respeito, tendo grande honra em chamá-los de *amici*.

Agradeço aos meus professores Álvaro Hashizume Allegrette, por originalmente me orientar na Iniciação Científica, além de ser uma grande companhia para a discussão de ficção científica, historiografia, entre outros, sempre manterei imensa consideração a ti; Ana Hutz, pelo extenso auxílio na trajetória deste projeto; Amilcar Torrão Filho, pelo convite à pesquisa e por aceitar me orientar, também se provando igualmente atencioso e de imensa consideração para conversas de conteúdo riquíssimo num âmbito afastado desta tese; Antônio Rago Filho, pela imensa consideração por meus trabalhos e por minha pessoa, além de ser o primeiro a acreditar na viabilidade de meu primeiro artigo publicado, certamente és uma companhia de inestimável valor; Cláudia Maria de Vasconcellos, por me introduzir aos estudos literários e por elevar o nível de minha escrita acadêmica; Robson Tadeu Cesila, por ampliar meus

---

<sup>1</sup> Dn 2:23.

horizontes acerca do conhecimento de literatura clássica; Sidney Calheiros de Lima, por me auxiliar proeminentemente no conhecimento de comédia grega e; Luiz Gonzaga Godoi Trigo, por ter me mantido fiel à égide histórica em 2018 e por acreditar no meu potencial como pesquisador. Jamais os esquecerei!

Agradeço também aos professores Marcelo Rede, Hilário Franco Júnior, Ulick Peter Burke, Mauro Luiz Peron, Elias Thomé Saliba e Adriane da Silva Duarte, pela inestimável ajuda por meio de correspondências digitais, elaboração de seminários e dicas de leituras. Teus nomes imortais ecoarão pela eternidade.

Por fim, agradeço à minha família, por todo o suporte emocional, material e espiritual que possibilitou a elaboração deste trabalho. Sem vocês, o que seria de mim?

## RESUMO

Este estudo tem como objetivo explorar o estudo da circulação do livro *O asno de ouro* de Apuleio durante a Alta Idade Média. Considerando a transição do rolo de pergaminho para códice durante os séculos finais da hegemonia romana no Ocidente como essencial para a preservação do texto, percebemos que há um deslocamento temporal até que os textos preservados desta forma voltem a fazer parte do conhecimento erudito ocidental. Posto isto, é impressionante o número considerável de menções feitas à obra de Apuleio durante o período em que deveria estar longe dos olhos dos escritores, o que sugere fortemente uma circulação dentro do universo europeu. Todavia, é inconsistente que afirmamos isto sem que haja maiores explorações sobre este fenômeno e suas possibilidades. É necessária uma maior exploração do assunto e este estudo propõe que seja dada maior atenção à peculiaridade da história de transmissão deste texto tão importante para o desenvolvimento do gênero cômico no Ocidente.

**Palavras-chave:** Comédia; Literatura; Circulação; Apuleio; Medieval.

## ABSTRACT

This study aims to explore the study of *The Golden Ass*' circulation during the Early Middle Ages. Considering the transition of the scroll to codex during the last centuries of Roman hegemony in the West as essential for the preservation of the text, we realize that there is a time shift present until the the preserved texts were able to be a part of the Western scholarly knowledge again. That said, the considerable number of mentions made to Apuleius' work during the period where it should have been out of the eyes of writers is impressive which strongly suggests a circulation within the European universe. However, it is inconsistent that we can affirm this without further exploration of this phenomenon and its possibilities. Further exploration of the subject is necessary and this study proposes that greater attention should be paid to the peculiarity of the transmission history of this text which is pivotal for the development of the comic genre in the West.

**Key-words:** Comedy; Literature; Circulation; Apuleius; Medieval.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>2 DESENVOLVIMENTO</b>	<b>11</b>
2.1 UMA BREVE HISTÓRIA DA COMÉDIA GRECO-ROMANA	11
2.2 A IMPORTÂNCIA E TRANSMISSÃO DE APULEIO	14
2.3 AS MENÇÕES E A INCÓGNITA	20
<b>3 CONCLUSÃO</b>	<b>25</b>
<b>4 BIBLIOGRAFIA</b>	<b>27</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Podemos considerar a comédia enquanto uma produção de ordem cultural que se tornou presente nas diversas sociedades humanas, sendo um construto de usos paradoxais, muitas vezes mutuamente excludentes e antitéticos que se manteve marginalizada por seu caráter popularesco.<sup>2</sup> Entendendo o riso como produto almejado da comédia, podemos vê-la como sendo inerentemente humana, desde sua produção até suas características de o que é constituído como risível, sendo necessário para que ela alcance o riso o fator de eco, tornando-a uma experiência de teor definitivamente social.<sup>3</sup>

Um fator que influenciou os desenvolvimentos culturais de ordem cômica é o fenômeno do jogo. A ideia do jogar como um elemento perene de raiz social, associado aos fenômenos igualmente importantes do mito e do rito,<sup>4</sup> essenciais para o desenvolvimento de todas as sociedades humanas, fez com que fosse valorizado um elemento lúdico de tal maneira que pode ser entendido neste os meios de expressão mais clássicos da comédia: o teatro e a sátira, sendo esta uma brincadeira focada especialmente na seriedade de um indivíduo específico, fazendo com que, por meio de tal desenvolvimento, houvesse um efeito catártico: o riso.<sup>5</sup>

Pensando ainda acerca do desenvolvimento da comédia enquanto gênero literário, um de seus marcos é a associação com a prosa, fenômeno que se dá pelos idos dos séculos I e II d. C., localizado dentro dos intermeios do Império Romano, presente nos textos de Petronio e de Apuleio.

Tomando Apuleio como norteador por ter sido preservado integralmente, podemos observar o quanto ele pôde influenciar textos religiosos e cômicos em um

<sup>2</sup> Acerca desta definição e de uma reflexão elaborada acerca da história da comédia enquanto gênero literário e a tentativa de sobrepôr este olhar, cf. STOTT, Andrew. **Comedy**. Nova York/Londres: Routledge, 2000.

<sup>3</sup> Tal interpretação nos é fornecida por Henri Bergson, para mais elaborações sobre a natureza do riso, cf. BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre o significado do cômico. Trad. Maria Adriana Camargo Cappello. São Paulo: Edipro, 2018.

<sup>4</sup> A associação da sacralização do riso, presente de maneira substancial especialmente na sociedade grega com o deus Gelos, é de importância substancial para compreender a conexão da comédia com a religião, para um estudo interessante destas características, cf. MACEDO, José Rivair. *Risus/Ritus*: o riso e o sagrado nas culturas antigas. In: **Riso, cultura e sociedade na Idade Média**. Porto Alegre/ São Paulo: Ed. Universidade/ UFRGS/ Editora Unesp, 2000. pp. 31-50.

<sup>5</sup> A tese acerca do elemento lúdico como prelúdio do teatro é presente em Huizinga, o lúdico como essencial para o riso é proveniente de Bergson. Cf. HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. Trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: Editora Perspectiva, 2018 e; BERGSON. op. cit.

recorte de mais de doze séculos.<sup>6</sup> Entretanto, ainda restam dúvidas acerca do processo de transmissão do texto entre os séculos VII e XI d. C.

Observando textos que mencionam Apuleio, representações de sua figura e críticas expressas ao seu pensamento, podemos inferir que há potencial para investigação sobre uma possível circulação de seus escritos no espaço europeu entre sua estadia na biblioteca da família de Salústio e o período em que foi copiado pelos monges de Monte Casino.

Para comentar acerca deste fenômeno de ausência e presença, abordaremos brevemente um histórico do desenvolvimento da comédia enquanto gênero literário, perpassando a produção de *O asno de ouro* e comentando suas influências em menor escala. Após isto, relembremos os textos que mencionam e fazem presente a figura de Apuleio e/ou seus escritos, comentando em um último momento acerca das possibilidades deste estudo de circulação, motivando esperançosamente que se faça palpável o interesse pelo aprofundamento do interesse acerca do fenômeno de transmissão de *O asno de ouro*.

---

<sup>6</sup> Para maiores informações acerca da transmissão de Apuleio e suas influências comprovadas, cf. GAISSER, Julia Haig. **The fortunes of Apuleius and the Golden Ass**: a study in transmission and reception. Princeton: Princeton University Press, 2008. e; CARVER, Robert H. F. **The Protean ass**: the Metamorphoses of Apuleius from Antiquity to the Renaissance. Nova York: Oxford University Press, 2007.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 UMA BREVE HISTÓRIA DA COMÉDIA GRECO-ROMANA

O livro mais conhecido de Apuleio intitulado *Metamorphoses* e apelidado de *O asno de ouro* por Agostinho de Hipona<sup>7</sup> é uma obra marcante dentro da literatura europeia e mundial por seu papel no desenvolvimento da comédia e do romance como os entendemos hoje, além de ser essencial para nossa compreensão acerca do domínio romano no Norte da África e como influência ocasional para o início da patrística cristã. Para tratar esta obra de forma justa, é necessário expor a sua trajetória de influências e transmissão para que possamos ter uma compreensão aguçada acerca de seu papel dentro do contexto europeu.

Iniciemos falando com relação às suas heranças cômicas, *O asno de ouro* se dispõe como uma obra descendente das produções cômicas da tradição greco-romana. Tal tradição tem início bifurcado no campo de expressões culturais distintas, sendo estas o teatro e a escrita. No campo teatral, podemos postular sua origem por volta do século V a. C.,<sup>8</sup> tendo como principais expressões as obras de Aristófanes, autor de peças como *As nuvens*, *Os sapos* e *As aves*, sendo estas normalmente caracterizadas por sua irreverência perante as figuras importantes de Atenas e por um elemento satírico abundante, marcas estas características do início da comédia no teatro. Há outra figura digna de nota que é Menandro, autor do século IV a. C. e famoso por peças como *O Discolo*, sendo o porta-voz de uma expressão diferente de Aristófanes, focada em uma comédia de costumes que se baseia em tipos cômicos, desviando seu olhar da política para tornar seu enfoque para a relação entre as personagens, se distanciando da comédia escrita por Aristófanes.<sup>9</sup> Ainda neste tópico, na segunda esfera, relativa a escrita, se destacam duas figuras, um satirista e um contista: Menipo de Gadara e Aristides de Mileto; sendo seus formatos característicos dos séculos III e II a. C. respectivamente.<sup>10</sup>

<sup>7</sup> SANTO AGOSTINHO. O que merece fé nas metamorfoses humanas devidas aos demônios?. In: \_\_\_\_\_ . **A cidade de Deus**, parte II. Trad. Oscar Paes Leme. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 509.

<sup>8</sup> HARVEY, Paul (ed.). **The Oxford Companion to Classical Literature**. Oxford: Oxford University Press, 1937. pp. 115-116.

<sup>9</sup> Cf. HUNTER, Richard Lawrence. **A comédia nova da Grécia e de Roma**. Curitiba: Editora UFPR, 2010. pp. 13-16. O livro também aborda as diferenças estruturais da Comédia Nova.

<sup>10</sup> HARVEY. op. cit. pp. 266, 273. Para descrições mais detalhadas dos estilos destes dois cômicos, cf. BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Barueri: Forense Universitária, 2010. pp. 126-133 e; FRYE, Northrop. **Anatomia da Crítica**. São Paulo: Cultrix, 1973. pp. 305-309.

Os estilos de Menipo e Aristides são próximos, embora variados em sua disposição de escrita. Enquanto o escritor de Gadara se propunha a escrever obras com um estilo misto entre a prosa e o verso, tornando seu enfoque o elemento satírico, normalmente criticando um tipo social por meio de uma personagem, Aristides mantinha seu enfoque em contar um número variado de narrativas, tendo temáticas variadas entre Eros e Tália, entre o erótico e o risível, ajustando-as para que se formasse uma narrativa extensa composta de pequenas historietas conectadas.

É importante ressaltar que neste segundo século antes de Cristo se desenvolvem certas nomenclaturas que utilizamos até hoje, em especial as do teatro, havendo distinção entre a Comédia Antiga de Aristófanes e a Comédia Nova de Menandro pelos gramáticos alexandrinos, possivelmente com destaque para Aristófanes de Bizâncio.<sup>11</sup>

No contexto romano, temos o início da comédia postulado no teatro também, sendo seus primeiros autores de renome Plauto e Terêncio, localizados no tempo de Aristides de Mileto.<sup>12</sup> O primeiro se ocupa em transcrever os modelos de Menandro para dentro da esfera romana, sendo um dos originadores da assim chamada *fabula palliata*, utilizando de narrativas ambientadas em esfera grega de modo menos comprometido em exercer grandes mudanças, enquanto que o segundo se ocupa em trazer algumas inovações em termos de espaço para diferentes personagens.<sup>13</sup>

Surgem duas inovações de nomenclatura no século seguinte. A primeira é expressa por Varrão que, ao inspirar-se em Menipo de Gadara, descreve suas obras como sendo *saturae menippeae*, obras de sátira menipeia.<sup>14</sup> A segunda se dá pela tradução de Lúcio Sisenna da *Milesiaka* de Aristides, utilizando o título de *Milesiae fabulae*, contos milésios.<sup>15</sup>

Embora haja um vazio de comédias dentro do século I a. C. no contexto romano, temos algumas inovações no primeiro século da era cristã. São presentes neste período dois grandes derivados da sátira menipeia, sendo estes o *Apocolocyntosis diui Claudii* de Sêneca, o Jovem e o *Satyricon* de Petronio. Ambos ainda são caracterizados por possuírem uma estrutura mista de prosa e verso,<sup>16</sup> convenção que só seria ultrapassada

<sup>11</sup> SANDYS, John Edwin. **A history of classical scholarship**: from the Sixth Century B. C. to the end of the Middle Ages. Cambridge: Cambridge University Press, 1903. pp. 125-130, 139.

<sup>12</sup> HUNTER. op. cit. pp. 17-21.

<sup>13</sup> Idem.

<sup>14</sup> PETRONIUS. **Satyricon**. Trad. Robert Bracht Branham; Daniel Kinney. Londres: University of California Press, 1997. pp. xvii-xviii.

<sup>15</sup> HARVEY. op. cit. p. 396.

<sup>16</sup> Tal estrutura é característica e pode ser interpretada até de forma filológica. A própria ideia de *satura* indica “mistura” dentro do vocabulário latino. Acerca deste traço das sátiras menipeias, cf. AQUATI, Cláudio. Introdução. In: PETRÔNIO. **Satíricon**. Trad. Cláudio Aquati. São Paulo: Editora 34, 2021. pp.

por Apuleio. É interessante mencionar brevemente a questão da relevância de personagens sagradas dentro destas narrativas. Enquanto Sêneca narra uma situação na qual um César é impossibilitado de ser deificado, se tornando uma abóbora, claramente uma irreverência, Petrônio ignora o caráter religioso quase que por absoluto, se atendo a uma narrativa na qual as personagens de aspecto divino são pouquíssimo presentes. Suas narrativas possuem maiores mesclas com outros elementos do desenvolvimento cômico romano, como certas características da *fabulae atellanae* e dos mimos, ambas estruturas teatrais de menor expressão, caracterizadas por menor rigor estético das tradições teatrais e maior propensão ao caráter popular da comédia, utilizando-se de temas mais próximos do erótico e das suas supostas raízes nos cultos fálicos.<sup>17</sup> Todavia, todas estas comédias têm um aspecto em comum dentro do cenário romano: o seu caráter moralizante<sup>18</sup> e o fato de seus finais continuarem sem a morte de grandes personagens, esta última sendo uma característica presente desde a comédia grega.

Podemos pensar em um contemporâneo de valor para a escrita de *Metamorphoses* que seria a figura de Luciano de Samósata, escritor sírio-romano de livros gregos que se baseou na tradição de Menipo para escrever materiais que se relacionam de maneira assombrosa com a visão de mundo perpetuada pela filosofia cínica.

Permanece vivo o debate de uma possível influência de Luciano na escrita de Apuleio, simbolizada por um livro atribuído classicamente a este primeiro, nomeado *Lucio, ou O asno*. Todavia, não há fontes concretas de sua autoria para estabelecer esta ligação de forma absoluta, sendo mencionada aqui como meio de reconhecer a possibilidade desta influência, mesmo não sendo o objeto de nosso estudo.

É inexorável comentar que a comédia sempre foi um gênero popularesco, de má recepção crítica e sujeito a censuras por parte dos estratos de maior poder dentro das sociedades em que eram inseridas. Tal comportamento se mantém presente até os dias de hoje, uma vez que uma boa parcela das produções realizadas desde a Antiguidade nos remetem à ridicularização de diferentes estratos sociais de modo a humanizar-los de maneira igualitária, comediógrafos como Plauto realizavam vitupério de igual medida

---

7-12 e; QUERIQUELLI, Luiz Henrique Milani et al. Introdução. In: SÊNECA. **Abobriicação do divo Cláudio**: edição bilíngue. Trad. Luiz Henrique Milani Queriquelli et al. São Paulo: Iluminuras, 2022. pp. 11-41.

<sup>17</sup> Para maiores informações acerca da estrutura destes atos teatrais, cf. HARVEY. op. cit. pp. 54,274.

<sup>18</sup> Para maiores informações acerca da presença da moral na comédia latina, cf. DUCKWORTH, George Eckel. Thought and Moral Tone. In: \_\_\_\_\_. **The nature of Roman comedy: a study in popular entertainment**. Norman: University of Oklahoma Press, 1994. pp. 272-304.

para o senhor e para o escravo, não realizando distinção entre os dois tipos de indivíduos. Este caráter de subversão e criticismo, utilizando muitas vezes do mecanismo de inversão de papéis, faz com que se estabeleça um caráter que correlaciona tais fenômenos com uma certa certeza de mudança social, reforçando como as estruturas que cercam nossas sociedades são frágeis e amedrontando aqueles que as comandam. Tais elementos tornaram a comédia um gênero que foi desprezado pelos estratos sociais dominantes e adorado pelos dominados, tornando-a até hoje de grandioso apelo e onipresente produção.

## 2.2 A IMPORTÂNCIA E TRANSMISSÃO DE APULEIO

Apuleio, filósofo, suposto feiticeiro e estudioso da literatura greco-romana, sendo um escritor de família razoavelmente opulenta da Numídia, ele tem a oportunidade de entrar em contato com estes textos em suas viagens pelo Mediterrâneo e por seu interesse nos cultos de mistérios. Escreve propriamente em seus anos mais avançados de vida, em especial sua obra filosófica *De deo Socratis*, escrita em grego e seus dois maiores textos latinos que são *Apologia*, sua suposta defesa de uma acusação de feitiçaria, e o foco de nosso estudo, *Metamorphoses*.

*Metamorphoses*, como já comentamos, é uma comédia em prosa, inspirada na tradição greco-romana, em especial na sátira menipeia e nos contos milésios, sendo normalmente caracterizada como sendo um conjunto deste último, produzida no final do século II d. C.

Embora seja interconectada de diversas histórias diminutas que cercam a sua história principal, a narrativa mais presente no texto segue o protagonista Lúcio, suposto parente de Plutarco, que está passando pela Tessália a negócios, sendo atizado ao ouvir a história de um transeunte chamado Aristomenes e começa sua busca por maior conhecimento mágico. Sendo hospedado na casa de Milão e de sua esposa Pânfila, se tornando amante da serva da casa, Fótis.

Após sofrer uma brincadeira da cidade em honra ao deus Risus e presenciar Pânfila se transformar em um pássaro por meio de um elixir, Lúcio tenta imitá-la com a ajuda de Fótis e acaba sendo transformado em um asno. Após ser roubado e passar por uma quantidade absurda de adversidades acaba sendo guiado a comer uma guirlanda de rosas durante um festival em honra a Isis e se torna humano novamente. O livro se

encerra com Lúcio regozijando após ascender em seu posto religioso enquanto conhecedor dos mistérios de Ísis e de Osíris.<sup>19</sup>

*Metamorphoses* é uma obra de grande importância para a história da literatura que acaba sendo diminuída enquanto texto formador do romance por ser uma comédia, ou seja, é recebido com pouca apreciação crítica pelos pensadores eruditos. Outro motivo que leva a sua desvalorização é o papel pequeno que exerce no cânone agostiniano, sendo mencionado uma vez, de maneira crítica e pelo seu suposto apelido que caiu no gosto dos críticos modernos que é *Asinus aureus* ou *O asno de ouro*.

Todavia sua importância se dá exatamente por sua trajetória, considerando que este é o único romance latino a sobreviver integralmente,<sup>20</sup> tendo sido pivotal para o desenvolvimento da assim chamada “novela de moldura”,<sup>21</sup> estrutura presente nas obras recém-valorizadas como parte integral do cânone ocidental para o desenvolvimento da literatura no continente europeu.<sup>22</sup> Destas influenciadas por Apuleio, destacamos *O decamerão* de Giovanni Boccaccio, *Os contos da Cantuária* de Geoffrey Chaucer, *A vida de Gargantua e de Pantagruel* de François Rabelais e *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha* de Miguel de Cervantes.<sup>23</sup>

É justo comentar, ao menos como caráter expositivo, que ele é embebido dentro de um mundo em que o riso possui um caráter sacralizado e ainda fortemente relacionado com os cultos de fertilidade que motivaram a sua expansão dentro do universo greco-romano. Dado esse fato podemos relacionar vários aspectos incluindo a figura do protagonista como sendo parte desse mundo.<sup>24</sup> Tais características dificultaram

<sup>19</sup> Nos baseamos na seguinte edição: APULEIO. **O asno de ouro**: edição bilingue. Trad. Ruth Guimarães. São Paulo: Editora 34, 2019.

<sup>20</sup> Embora o termo “romance” seja bem mais recente, utilizamos tal terminologia pois é a mesma utilizada por nossa bibliografia. Para a descrição em que nos baseamos, cf. GAISSER. op. cit. p. xi.

<sup>21</sup> A nomenclatura de “novelas de moldura” é cunhada por Wolfgang Kayser. Para mais informações acerca desta estrutura literária, cf. KAYSER, Wolfgang. **Análise e interpretação da obra literária**: introdução à ciência da literatura. Coimbra: Sucessor, 1963. p. 311.

<sup>22</sup> Graças à crítica literária de base marxista, em especial aos desenvolvimentos de Walter Benjamin e de Gyorgy Lukács, foi possível haver uma revalorização da comédia enquanto força motriz para o desenvolvimento do romance. Tal movimento também ocorre na historiografia, especialmente motivado pelo início dos Annales. Para os textos base para tal correlação, cf. BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas, vol. I**: Magia e técnica, arte e política - Ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987; LUKÁCS, Georg. **Teoria do romance**: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2021 e; FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI**: a religião de Rabelais. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

<sup>23</sup> Embora tanto o trabalho de Rabelais quanto de Cervantes não sejam propriamente “novelas de moldura”, suas estruturas narrativas são amplamente derivadas das bases de seus predecessores europeus, sendo estes Chaucer e Boccaccio.

<sup>24</sup> Aqui retomo a discussão levantada por José Rivair Macedo. Para se inteirar desta fascinante elaboração acerca da visão do riso, cf. MACEDO, José Rivair. op. cit. e; *Christus Agelastus*: o riso e o pensamento

a sua recepção dentro do universo cristão por um lado, mas, por outro lado, o que o salvou do ostracismo foi o seu caráter alegórico, embebido com uma mensagem moral que é característica da comédia romana, como nos diz Duckworth.<sup>25</sup>

Além disso, embora houvesse um consenso acerca da transcrição de *O asno de ouro* de rolo para códice, sendo este um ato de resistência das elites pagãs em resistência a cristianização crescente do Império Romano, estudos recentes levantam a hipótese de sua transcrição ser motivada pelo seu valor alegórico tanto para pagãos quanto cristãos, ou seja, como meio de representar um evento presente em um cânone religioso de modo a não referenciá-lo diretamente, mas sim indiretamente por meio de um uso simbólico externo ao mito. Há que se expor que o responsável pela transição de formato para *O asno de ouro*, um possível pagão de nome Salústio, tinha por mestre Endeléquio, que temos certeza que era cristão. Posto isto, é improvável que a motivação pagã pudesse ser aquiescida por uma figura de origem cristã.<sup>26</sup>

Retomando a questão de *O asno de ouro*, vejamos a sua trajetória de representação, abordando tanto as suas menções como obra quanto as menções ao seu autor, Apuleio, verificando qual poderia ser o significado destas representações e menções. Vale notar que será feita distinção sobre os dois corpos de trabalho do autor, sendo abordado aqui somente o cânone ocidental de escrita latina, nomeado por Gaisser como *literary tradition*, em contraste com a *philosophical tradition* de escrita grega.<sup>27</sup>

Sabemos pouco antes da transição de formatos no século IV d. C., dado que este é o século em que há número mais abundante de menções a sua pessoa e de resquírios acerca de sua representação, ao menos assim o é até a Renascença.

É importante mencionar que neste primeiro momento temos duas formas principais de identificação de Apuleio: como mago e como filósofo. Cada uma é advinda de um contexto variado, sendo a primeira dentro da polêmica cristã e pagã e a segunda, inserida dentro do cânone oriental. Iremos perpassar brevemente a questão oriental e seus desenvolvimentos até a transcrição de Salústio, partindo daí a tratar exclusivamente do espaço ocidental.

---

cristão. In: \_\_\_\_\_ . **Riso, cultura e sociedade na Idade Média**. Porto Alegre/ São Paulo: Ed. Universidade/ UFRGS/ Editora Unesp, 2000. pp. 31-72.

<sup>25</sup> Cf. DUCKWORTH. op. cit.

<sup>26</sup> Este argumento acerca da influência da alegoria pode ser encontrado no segundo capítulo do livro já mencionado de Gaisser, cf. GAISSER. op. cit. pp. 40-75.

<sup>27</sup> As obras filosóficas de Apuleio, escritas em grego, tomaram maior forma e foram guardadas em acervos fora do espaço romano. Por tratarmos especificamente de *O asno de ouro*, a tradição oriental não interfere de maneira direta com a nossa proposta. Acerca destas desenvolturas, cf. GAISSER. op. cit. pp. 40-43.

A nossa menção mais antiga do cânone cristão é presente na obra de Lactâncio intitulada *Institutiones Diuinae*. Ao criticar Hiérocles, aristocrata do reinado de Diocleciano, por perseguir os cristãos, Lactâncio menciona que é surpreendente ele não tomar Apuleio como sendo um feitor de milagres tão amplos quanto Cristo.

Esta menção denota questões interessantes, uma vez que é feita por um compatriota de Apuleio, uma vez que Lactâncio também era proveniente da Numídia. Ela nos diz de uma fama generalizada de Apuleio enquanto mago, embora ela possa muito bem ser localizada geograficamente no contexto nômada. É possível que seja presente já na discussão das polêmicas cristãs, embora só apareça inicialmente neste texto. É importante também perceber os círculos de ausência desta discussão que podemos inferir como sendo as rodas de alta discussão romana. Isto é visível pela ausência de qualquer menção a uma biografia de Apuleio, o que denotaria que foi visto como importante pela elite intelectual e pagã romana.<sup>28</sup>

A segunda menção que temos é feita por Jerônimo em suas cartas. Nestas, critica Porfírio de Tiro, filósofo neoplatônico, que afirmou em seu *Aduersos Christianos* que as maravilhas feitas pelos apóstolos também haviam sido feitas por Apuleio.

Repara-se que a visão acerca de Apuleio como mago se mantém com força igual, sendo rechaçada por Jerônimo pelo fato de que Porfírio diminui os feitos dos apóstolos classificando-os como simples maravilhas ao invés de verdadeiros milagres. Pode-se inferir de maneira interessante que é presente um caráter satírico na fala de Jerônimo e sua fala indica familiaridade com outros textos de Apuleio, particularmente a *Apologia*.

Caminhando rumo ao cânone oriental, temos duas obras importantes: um teto em Trier com uma pintura identificada fortemente com Apuleio e um relato acerca de uma estátua de bronze erigida a semelhança dele nas Termas de Zeuxipo em Constantinopla.

Com relação ao teto, Erika Simon nos diz que os três filósofos presentes podem ser identificados como sendo Virgílio, Apuleio e Heráclito.<sup>29</sup> A casa em que era presente o teto era quase certamente de uma família solar e pagã. O argumento de Simon para argumentar em favor de uma representação de Apuleio é baseado na análise da

---

<sup>28</sup> As discussões acerca destas menções estão todas presentes no texto de Gaisser, para lê-las em primeira mão, cf. GAISSER. op. cit. pp. 1-39.

<sup>29</sup> SIMON, Erika apud GAISSER. op. cit. p. 20.

iconografia que cerca a pintura, que segundo ela faz referência ao mito de Cupido e Psiquê, colaborando fortemente para a associação com Apuleio.

Acerca da estátua das termas, o relato que a descreve nos chega através de Cristodoro, poeta grego, que descreve as termas como tendo estátuas diversas. Entre estas representações, as únicas inspiradas no universo romano são, novamente, as de Virgílio e de Apuleio.

A nossa quinta representação é de um contorniato, moeda dada como brinde no século IV d. C, representando a imagem de Apuleio. Segundo Gaisser, podemos identificar estes contorniatos como uma forma de promoção acerca das figuras relevantes para o mundo pagão romano, financiadas pela elite romana.

A identificação com Apuleio se dá pela presença de referências imagéticas a duas obras de sua autoria: *Florida* e *Apologia*. Segundo Gaisser, a imagem é mais próxima da representação preferível por Apuleio, associando-o com a figura do deus Apolo. Esta forma de representação se aproxima às representações da figura de Cristo durante o final do século IV, também de caráter apolônio, uma vez que ambos são tidos como figuras que realizam milagres e que são vistas como associadas à filosofia.

Esta abundância de representações de Apuleio no século IV indica conclusivamente que há um aumento significativo de sua popularidade durante este período, embora não consigamos identificar motivações fora do seu papel como figura de argumentação nas polêmicas cristã e pagã.

A representação que nos é mais cara pela sua preponderância é presente no século V e eternizada nos escritos de Agostinho de Hipona, outro conterrâneo nômada que estabelece relação com ele através de uma permanência considerável na cidade natal do autor, Madaura. Este é o primeiro autor que escreve acerca de Apuleio possuindo um conhecimento considerável de pelo menos uma de suas obras, sendo esta o trabalho filosófico *De deo Socratis*.

Ao falar da figura de Apuleio, Agostinho reconhece-o como sendo filósofo, mago e como sendo representado em *Asinus aureus* pelo protagonista, Lúcio. Este é o princípio desta identificação, que se tornará uma convenção até a Modernidade, nomeando Apuleio com o prenome de Lúcio, considerando a narrativa presente em *Metamorphoses* como sendo um relato autobiográfico, verossímil ou não. Sobre o reconhecimento dele como mago e filósofo, Gaisser escreve:

“Augustine differs from his literary predecessor in acknowledging both of Apuleius’ personalities. He does not explicitly unite or integrate the magician and the philosopher (...), but he implies a necessary relation between them, (...)”<sup>30</sup>

A conexão destas personalidades é realizada pela refutação do conceito de *daimones* realizado por Agostinho durante a longa duração do livro *De ciuitate Dei*. Temos neste livro a primeira menção direta e comprovável de *Metamorphoses* como livro completo, não destacando o episódio de Cupido e Psiquê. Ao comentar e desmentir os episódios de metamorfose presentes na literatura, Agostinho cita o exemplo de Apuleio e sua assim chamada transformação em asno presente em um livro chamado de *Asinus aureus*, *O asno de ouro*. Este se tornará o nome popular do romance desde então. Infelizmente não temos certeza se já era apelidado assim em sua terra natal por ausência de registros.

Embora seja abertamente cético acerca dos supostos poderes de Apuleio, Agostinho não se afasta completamente do pensamento de Apuleio, muito pelo contrário. Em sua *Epístola 138*, Agostinho reconhece a familiaridade de pensamento entre ele e Apuleio pelo fato de ambos serem nômadas. Agostinho também é o primeiro a mencionar mesmo que rapidamente sua biografia e o louva como filósofo.

Temos algumas figuras dentro da crítica literária que se propuseram a estabelecer o grau de influência de Apuleio em Agostinho. Bakhtin menciona na primeira metade do século XX que a estrutura da metamorfose em *O asno de ouro* se assemelha à estrutura dos testemunhos de fé presentes com os primeiros cristãos.<sup>31</sup> Walsh é mais ousado e argumenta que o percalço do protagonista influencia diretamente na estrutura narrativa das *Confessiones* de Agostinho.<sup>32</sup> Independentemente do nível de influência, certamente podemos afirmar que há uma ligação concreta e forte presença do estilo literário e pensamento de Apuleio abundando a concepção literária de Agostinho.

### 2.3 AS MENÇÕES E A INCÓGNITA

Após a escrita de Agostinho, a partir do século V d. C., temos um deslocamento das menções de Apuleio motivado pela ausência de produções que mencionam o autor.

<sup>30</sup> GAISSER. op. cit. p. 23.

<sup>31</sup> BAKHTIN, Mikhail. Apuleio e Petrônio. In: \_\_\_\_\_ . **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 2014. pp. 234-249.

<sup>32</sup> WALSH, P. G. Preface. In: APULEIUS. **The Golden Ass**. Oxford: Oxford University Press, 1999. pp. i-xi.

Este vácuo se dá como derivação das invasões bárbaras em Roma e do fim da polêmica pagã. Consequentemente a visão de Apuleio enquanto mago é minimizada, uma vez que esta leitura é reduzida demasiadamente pelo fato da maioria dos textos que utilizaram-se desta visão não ter sido preservada, uma vez que era material de origem pagã. Contudo, esta imagem não perece, se mantendo viva mas diminuta até o século XI.<sup>33</sup>

Entre os séculos V e VI d. C. temos ainda menções, representações e referências, menores, embora importantes, de figuras como Macróbio, Marciano Capella, Claudiano Mamerto, Sidônio Apolinário, Prisciano e Fulgêncio;<sup>34</sup> mas nenhuma outra menção é realizada fora deste recorte temporal, tendo novas elaborações apenas durante o período de conhecida circularidade, o século XIV.

Ignorando quaisquer possibilidades de outras menções, podemos acreditar que se manteve conservado dentro da biblioteca de Salústio até o século VII, sendo transferido milagrosamente para Monte Cassino onde foi ignorado durante quatro séculos. Dado um certo momento, chamou atenção devido a sua menção por Agostinho e foi decididamente copiado no século XI, formando a cópia mais antiga que temos preservada, o exemplar “F”, atualmente protegido nos confins da Biblioteca Medicea Laurenziana.<sup>35</sup>

Todavia, esta é uma explicação insuficiente para nos baseamos, e isto se dá por conta de duas inconsistências. A primeira é a incógnita do caráter estático do códice; não é justo ignorar estes quatro séculos de ausência como sendo indicativos de pequenas mudanças, a transferência de um texto é um processo que nos escapa pela ausência de evidências, mas pode-se inferir com grau comedido de certeza que deve ter sido muito mais elaborado do que apenas um simples “rearranjo geográfico”.

A segunda inconsistência refere-se à recém-descoberta acerca de uma nova menção feita por um glossarista espanhol antes da elaboração de “F” e em espaço distante da península itálica. Sobre isto, nos diz Gaisser:

“For there is excellent evidence that someone in Spain, probably in a monastic library, had access to his works as late as the end of the seventh or beginning of the eighth century (...) our Spanish glossator seems to have had a text of the entire surviving corpus (...)”<sup>36</sup>

<sup>33</sup> GAISSER. op. cit. pp. 28-29.

<sup>34</sup> Todas estas mencionadas por Gaisser, cf. GAISSER. op. cit. pp. 41-56.

<sup>35</sup> Encontra-se disponível sob o registro Plut. 68.2.

<sup>36</sup> GAISSER. op. cit. p. 58.

A presença em bibliotecas e a menção fora de espaço nos trazem inúmeras possibilidades acerca da presença de Apuleio em espaço europeu durante a Alta Idade Média. Se há um período de incógnitas acerca de sua localidade poderíamos pensar se houve apenas uma cópia transcrita em códice em circulação, se outros mosteiros realizaram também as suas próprias cópias que circulavam regionalmente, eventualmente alcançando outras localidades ou, até mesmo, se Apuleio circulou pelo Mediterrâneo desde os tempos áureos que precederam a queda do império romano apenas em rolos de pergaminho.

Todavia, se não for dada a atenção necessária para este fenômeno em buscas arqueológicas e pesquisa historiográfica, estas inúmeras possibilidades poderão ser reduzidas a uma simplificação, o que seria um destino tragicamente infértil para uma obra que influenciou tanta vida dentro da literatura europeia.

Podemos nos alegrar em pensar em um prospecto de futuro para estes estudos, uma vez que alguns pesquisadores têm dado maior atenção à obra. Gaisser nos escreve em 2008, Carver que fez um trabalho com temáticas próximas de Gaisser nos escreveu em 2007, ainda mais recentemente tivemos a publicação de artigos como *Doorways and Diegesis: Spatial and Narrative Boundaries in Apuleius' Metamorphoses* pelo filólogo Bill Beck<sup>37</sup> e *Les Métamorphoses d'Apulée: entre mondes grec et romain, un document pour l'historien?* por Anne-Florence Baroni e Marie-Adeline Le Guennec,<sup>38</sup> além do livro *Discourse, Knowledge and Power in Apuleius' Metamorphoses* de Evelyn Adkins.<sup>39</sup>

Dentro do cenário brasileiro de estudos, podemos observar elaborações como o texto de Sônia Araújo acerca da interpretação de *O asno de ouro* como metáfora acerca da escravidão,<sup>40</sup> o artigo de Vinícius dos Santos acerca da interpretação da violência no

---

<sup>37</sup> Cf. BECK, Bill. *Doorways and Diegesis: Spatial and Narrative Boundaries in Apuleius' Metamorphoses*. **Classical Philology**, Chicago, v. 117, n. 4, pp. 706-719, out. 2022. DOI: 10.1086/721535. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/721535>. Acesso em: 29 out. 2022.

<sup>38</sup> Cf. BARONI, Anne-Florence; LE GUENNEC, Marie-Adeline. *Les Métamorphoses d'Apulée: entre mondes grec et romain, un document pour l'historien?*. **Cahiers d'études italiennes**, [s. l.], v. 35, 30 set. 2022. DOI: 10.4000/cei.11474. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cei/11474>. Acesso em: 13 out. 2022.

<sup>39</sup> Cf. ADKINS, Evelyn. **Discourse, knowledge and power in Apuleius' Metamorphoses**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2022.

<sup>40</sup> Cf. ARAÚJO, Sônia Regina Rebel de. *O asno de ouro: uma metáfora da escravidão*. **Phoênix**, Rio de Janeiro, v. 12, p. 257-278, 2006.

mesmo livro<sup>41</sup> e o texto de Suiany Silva analisando as micro-relações de poder, também acerca de *Metamorfoses*.<sup>42</sup>

Apesar de tamanha produção, a maioria se concentra em áreas de análise literária, interpretando signos e desvendando a historicidade por trás de certas representações, infelizmente com pouca atenção à possibilidade de circulação, meio sem o qual todos os escritos que temos acerca de Apuleio não estariam presentes na atualidade.

É louvável que esta nova valorização especialmente de *Metamorphoses* esteja tomando lugar na produção intelectual do Brasil, certamente como um demarcador de uma postura cada vez mais descolonial que tem sido observada nos recentes estudos clássicos dentro do Brasil, especialmente com relação às comédias que têm sido abordadas em maior quantidade recentemente, dentro da égide literária, por figuras como Fábio Paifer Cairolli e Robson Tadeu Cesila,<sup>43</sup> e que também tem se demonstrado por meio de uma atenção historiográfica às expressões populares e periféricas, como é o caso de Júlio César Magalhães de Oliveira, José Geraldo Costa Grillo e Pedro Paulo Abreu Funari.<sup>44</sup>

Embora tenhamos atualmente apenas uma edição recente de *Metamorphoses*, publicada em 2019, esta utiliza-se de uma tradução clássica de Ruth Guimarães, realizada originalmente em 1963,<sup>45</sup> sendo este movimento talvez ainda motivado pela égide descolonial, dado o local de origem de Apuleio enquanto um espaço de domínio romano na África, além de uma possível percepção de sua obra como sendo uma expressão de identidade africana localizada dentro de um mundo mediterrâneo e sob a

<sup>41</sup> Cf. SANTOS, Vinícius Medeiros dos. Violência em O asno de ouro, de Apuleio: a revelação discursivo-literária da figura do escravo de Lúcio. **Revista Versalete**, Curitiba, v. 8, ed. 15, p. 119-136, jul.-dez. 2020.

<sup>42</sup> Cf. SILVA, Suiany Bueno. Micro-relações de poder: uma análise das atuações dos escravos em O Asno de Ouro, de Lúcio Apuleio. **Roda da Fortuna**, São Paulo, v. 1, n.º. 1, pp. 91-103, 2012. Disponível em: <https://www.revistarodadafortuna.com>. Acesso em: 20 set. 2022.

<sup>43</sup> Cf. CAIROLLI, Fábio Paifer. **Marcial brasileiro**. 2014. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. DOI: 10.11606/T.8.2014.tde-23012015-183016. Acesso em: 19 de jul. de 2022 e; CESILA, Robson Tadeu. **O palimpsesto epigramático de Marcial: intertextualidade e geração de sentidos na obra do poeta de Bilbilis**. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. DOI: 10.47749/T/UNICAMP.2008.420698. Acesso em 19 de jul. de 2022.

<sup>44</sup> Cf. OLIVEIRA, Julio Cesar Magalhães de. O "clamor do pobre" e o "poder do povo": pobreza, cidadania e ação coletiva nas cidades da África Romana Tardia. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 29, ed. 50, p. 383-393, maio-ago. 2013. DOI: 10.1590/S0104-87752013000200001. Disponível em: <http://old.scielo.br/pdf/vh/v29n50/01.pdf>. Acesso em: 5 de ago. de 2022 e; GRILLO, José Geraldo Costa; FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Arqueologia clássica: o cotidiano de gregos e romanos**. Curitiba: Prismas, 2015.

<sup>45</sup> Cf. APULEIO. **O asno de ouro**. Trad. Ruth Guimarães. São Paulo: Cultrix, 1963.

perspectiva de um povo dominado, ou seja, vendo *Metamorphoses* como um fruto de intransigência e subversividade de uma identidade apagada, visto sua origem núnida e provavelmente berbere. Apesar de o fator identitário ser importante para que percebamos o enfoque em certas nuances do romance, é indiscutível que a identidade cultural de Apuleio se tornou mais romana que núnida, especialmente durante a produção de *O asno de ouro*, sendo esta uma obra de sua maturidade.

Se faz justo acreditar que *Metamorphoses* como objeto histórico-literário se mantém como um dos grandes aspectos a ser explorado no futuro próximo, realizando uma conexão evidente entre duas formas correlatas de analisar o romance. Feito isto, será possível que se estabeleça um contexto próprio para sua produção e conectá-lo definitivamente com os movimentos do século I d. C. dentro da península itálica, o que ajudaria bastante a formação de interconexões mais complexas acerca da história da comédia, como almejou realizar Stott.

É interessante tratar de Apuleio se considerado seu papel enquanto um artífice de grandioso valor para a perpetuação da comédia enquanto expressão da cultura popular e sua faceta dentro de um meio erudito e com estrutura erudita, este meio sendo a literatura e a estrutura sendo a prosa. É importante lembrar que os únicos textos fora as *saturae* que utilizavam prosa eram escritos filosóficos, legislativos ou de exposição crítica, historiográfica, entre outras, ou seja, era um estilo de escrita virtualmente exclusivo do meio dos estudos e utilizado pelos estratos de maior poderio social e cultural dentro da sociedade greco-romana.

A partir da compreensão deste fenômeno, todos os outros temas correlatos tornam-se gradualmente mais abundantes para exploração. Se dada a devida atenção ao processo que possibilitou nossos estudos, é possível acreditar num futuro fértil para a compreensão, estudo e interpretação da obra de Apuleio.

### 3 CONCLUSÃO

Apesar de ser um romance de extensa importância para a história da literatura ocidental, *O asno de ouro* de Apuleio se mantém sem grandes espaços para se projetar enquanto tal devido a uma falta de atenção ao seu conteúdo, situação esta que está em vias de mudar, graças a estudos recentes que têm revalorizado o texto, mas, sobretudo, devido a uma demanda de produção em vista da presença de uma ignorância perante o processo de transmissão do texto e de sua circulação durante este processo.

É possível compreender que tal processo está em vias de mudança e que o texto tem tido relativa atenção devido a produções recentes, o que facilitaria uma maior atenção ao seu processo histórico, todavia, devido à concentração de seus estudos serem pouco abrangentes fora do âmbito da crítica e teoria literária, muito do seu potencial enquanto fenômeno dentro da história da literatura é pouco explorado, fazendo com que corra o risco de se manter concatenado dentro da égide literária, empobrecendo suas possibilidades de estudo.

Uma visão na qual fossem unidos os elementos de análise histórico-literária, analisando os dois conjuntos em união parece demandar maior atenção. O lugar de Apuleio dentro do contexto imperial romano do século II d. C. tem sido negligenciado por muito tempo, parecendo-nos uma produção esparsa e afastada da produção cômica propriamente romana que é presente no século I d. C. Se faz necessária maior investigação acerca desta conexão, por exemplo.

Apuleio, homem de Madaura, nos traz uma visão diferente da comicidade de atualmente. Enquanto que as produções atuais, sejam elas narrativas jocosas, filmes cômicos, *stand up* ou outras diversas formas; nenhuma produção manteve o caráter de comédia perene ao que esteve presente em Apuleio. Sua nuance desde o riso de satisfação ao vermos a felicidade de Lúcio enquanto sacerdote de Ísis até a gargalhada perante o incidente da festa do deus Risus e os três odres de vinho assassinados, são indicativos que demonstram a sua versatilidade de caráter cômico, característica esta que se perdeu no decorrer da tradição cômica.

Ele pode não ser risível em toda a sua narrativa, mas ele mantém um equilíbrio que o torna único, apresenta ao leitor uma moral coerente e controversa simultaneamente, as misturas de elementos antitéticos presentes na narrativa tornam ela interessante e universal. O elemento da *saturae* é presente nele de forma como não

apareceu em nenhuma outra comédia anterior a sua produção. Ele pode ter ignorado-a na estrutura, atendo-se à prosa, mas com relação às diferentes formas do risível, *Metamorphoses* mais do que qualquer outra obra cômica consegue alcançar as mais diversas formas desta expressão, fazendo com que venha a ser muito possivelmente a comédia de maior realização, felizmente preservada em sua integridade até nós.

Neste ínterim, o estudo de sua transmissão e circulação se põe como uma possibilidade que demanda interesse. Podemos claramente observar que há base suficiente para denotar esta circulação, embora não tenhamos os meios materiais para comprová-la. É completamente coerente que tal texto tenha circulado, e as possibilidades derivadas de tal hipótese poderiam nos ser de surpreendente valor a ponto de ressignificar o decorrer da história da literatura e do teatro, se apenas fosse possível expandir os leques das pesquisas em prol de maior profundidade de interesse em sua transmissão. No momento, é necessário chamar a atenção de pesquisadores para que esta revalorização venha a se metamorfosear em um meio concreto de estabelecer uma maior percepção dentro da academia, tornando *O asno de ouro* em um livro a ser eternizado nos anais da história humana.

#### 4 BIBLIOGRAFIA

ADKINS, Evelyn. **Discourse, knowledge and power in Apuleius' Metamorphoses**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2022.

APULEIO. **O asno de ouro**. Trad. Ruth Guimarães. São Paulo: Cultrix, 1963.

\_\_\_\_\_. **O asno de ouro**: edição bilíngue. Trad. Ruth Guimarães. São Paulo: Editora 34, 2019.

APULEIUS. **The Golden Ass**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

ARAÚJO, Sônia Regina Rebel de. O asno de ouro: uma metáfora da escravidão. **Phoênix**, Rio de Janeiro, v. 12, p. 257-278, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Barueri: Forense Universitária, 2010.

\_\_\_\_\_. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. São Paulo: Hucitec, 2014.

BARONI, Anne-Florence; LE GUENNEC, Marie-Adeline. Les Métamorphoses d'Apulée: entre mondes grec et romain, un document pour l'historien?. **Cahiers d'études italiennes**, [s. l.], v. 35, 30 set. 2022. DOI: 10.4000/cei.11474. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cei/11474>. Acesso em: 13 out. 2022.

BECK, Bill. Doorways and Diegesis: Spatial and Narrative Boundaries in Apuleius' Metamorphoses. **Classical Philology**, Chicago, v. 117, n. 4, pp. 706-719, out. 2022. DOI: 10.1086/721535. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/721535>. Acesso em: 29 out. 2022.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas, vol. 1**: Magia e técnica, arte e política - Ensaio sobre literatura e história da cultura. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre o significado do cômico. Trad. Maria Adriana Camargo Cappello. São Paulo: Edipro, 2018.

CAIROLI, Fábio Paifer. **Marcial brasileiro**. 2014. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. DOI: 10.11606/T.8.2014.tde-23012015-183016. Acesso em: 19 de jul. de 2022.

CARVER, Robert H. F. **The Protean ass**: the Metamorphoses of Apuleius from Antiquity to the Renaissance. Nova York: Oxford University Press, 2007.

CESILA, Robson Tadeu. **O palimpsesto epigramático de Marcial**: intertextualidade e geração de sentidos na obra do poeta de Bilbilis. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. DOI: 10.47749/T/UNICAMP.2008.420698. Acesso em 19 de jul. de 2022.

DUCKWORTH, George Eckel. **The nature of Roman comedy**: a study in popular entertainment. Norman: University of Oklahoma Press, 1994.

FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI**: a religião de Rabelais. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FRYE, Northrop. **Anatomia da Crítica**. São Paulo: Cultrix, 1973.

GAISSER, Julia Haig. **The fortunes of Apuleius and the Golden Ass**: a study in transmission and reception. Princeton: Princeton University Press, 2008.

GRILLO, José Geraldo Costa; FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Arqueologia clássica**: o cotidiano de gregos e romanos. Curitiba: Prismas, 2015.

HARVEY, Paul (ed.) **The Oxford Companion to Classical Literature**. Oxford: Oxford University Press, 1937.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. Trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: Editora Perspectiva, 2018.

HUNTER, Richard Lawrence. **A comédia nova da Grécia e de Roma**. Curitiba: Editora UFPR, 2010.

LUKÁCS, Georg. **Teoria do romance**: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2021.

MACEDO, José Rivair. **Riso, cultura e sociedade na Idade Média**. Porto Alegre/ São Paulo: Ed. Universidade/ UFRGS/ Editora Unesp, 2000.

OLIVEIRA, Julio Cesar Magalhães de. O "clamor do pobre" e o "poder do povo": pobreza, cidadania e ação coletiva nas cidades da África Romana Tardia. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 29, ed. 50, p. 383-393, maio-ago. 2013. DOI: 10.1590/S0104-87752013000200001. Disponível em: <http://old.scielo.br/pdf/vh/v29n50/01.pdf>. Acesso em: 5 out. 2022.

PETRÔNIO. **Satíricon**. Trad. Cláudio Aquati. São Paulo: Editora 34, 2021.

PETRONIUS. **Satyrica**. Trad. Robert Bracht Branham; Daniel Kinney. Londres: University of California Press, 1997.

SÊNECA. **Abobriicação do divo Cláudio**: edição bilíngue. Trad. Luiz Henrique Milani Queriquelli et al. São Paulo: Iluminuras, 2022.

SANDYS, John Edwin. **A history of classical scholarship**: from the Sixth Century B. C. to the end of the Middle Ages. Cambridge: Cambridge University Press, 1903.

SANTO AGOSTINHO. **A cidade de Deus**, parte II. Trad. Oscar Paes Leme. Petrópolis: Vozes, 2017.

SANTOS, Vinícius Medeiros dos. Violência em O asno de ouro, de Apuleio: a revelação discursivo-literária da figura do escravo de Lúcio. **Revista Versalete**, Curitiba, v. 8, ed. 15, p. 119-136, jul.-dez. 2020.

SILVA, Suiany Bueno. Micro-relações de poder: uma análise das atuações dos escravos em O Asno de Ouro, de Lúcio Apuleio. **Roda da Fortuna**, São Paulo, v. 1, nº. 1, pp. 91-103, 2012. Disponível em: <https://www.revistarodadafortuna.com>. Acesso em: 20 set. 2022.

STOTT, Andrew. **Comedy**. Nova York/Londres: Routledge, 2003.

